

BRUNA DE PAULA ALMEIDA E CARLOS EDUARDO RIBEIRO SILVEIRA

Estratégias cartográficas para preencher vazios urbanos: um olhar sobre paisagens esvaziadas na cidade de Volta Redonda/RJ

*Cartographic strategies to fill urban voids: a look into emptied landscapes in the city
of Volta Redonda/RJ*

*Estrategias cartográficas para llenar vacíos urbanos: una mirada a los paisajes
vaciados en la ciudad de Volta Redonda/RJ*

Bruna de Paula Almeida

Arquiteta e Urbanista graduada pela Universidade Federal de Juiz de Fora (2023).

Architect and Urban Planner graduated from Universidade Federal de Juiz de Fora (2023).

Arquiteta y Urbanista egresada de la Universidade Federal de Juiz de Fora (2023).

almeidabrunap@gmail.com

Carlos Eduardo Ribeiro Silveira

Doutor em Artes Cênicas (PPGAC-UNIRIO); Mestre em Museologia e Patrimônio (PPG-PMUS-UNIRIO/MAST); Especialista em Artes, Cultura Visual e Comunicação (UFJF); Graduado em Arquitetura e Urbanismo (UFJF). Professor Adjunto do Departamento de Projeto, História e Teoria da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFJF.

PhD in Performing Arts (PPGAC-UNIRIO); Master in Museology and Heritage (PPG-PMUS-UNIRIO/MAST); Specialist in Arts, Visual Culture and Communication (UFJF); Graduated in Architecture and Urbanism (UFJF). Adjunct Professor at the Department of Design, History and Theory at the School of Architecture and Urbanism at UFJF.

Doctorado en Artes Escénicas (PPGAC-UNIRIO); Maestría en Museología y Patrimonio (PPG-PMUS-UNIRIO/MAST); Especialista en Artes, Cultura Visual y Comunicación (UFJF); Graduado en Arquitectura y Urbanismo (UFJF). Profesor adjunto del Departamento de Diseño, Historia y Teoría de la Facultad de Arquitectura y Urbanismo de la UFJF.

carloseduardo.ribeiro@ufjf.br

Resumo

Este artigo compreende uma leitura de paisagens esvaziadas na cidade de Volta Redonda (RJ). Nas últimas décadas, uma série de vazios urbanos têm sido produzidos no território da cidade, devido à privatização da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) e o abandono de propriedades em sua posse, nos anos que se seguiram. A partir dessa problemática, a pesquisa busca compreender o que são os vazios urbanos e como se dá a experiência da paisagem nesses territórios. São pensadas formas de ocupar e narrar esses vazios, utilizando a produção cartográfica como instrumento principal. Através do caminhar e da errância como ferramentas de leitura e construção da paisagem, são desenvolvidas uma série de cartografias que possibilitam o compartilhamento das narrativas urbanas que se desenvolvem no vazio urbano analisado. Ao final, é apresentada uma proposta de preenchimento desse vazio, através do cruzamento das cartografias produzidas.

Palavras-chave: Vazios urbanos. Paisagem. Cartografia. Caminhar.

Abstract

This article comprehends an analysis of emptied landscapes in the city of Volta Redonda (RJ). In the last decades, a series of urban voids have been produced in the territory of the city, due to the privatization of the Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) and the abandonment of the properties in the company's ownership. From this problem, this research aims to comprehend the concept of urban voids and how the landscape is experienced in these territories. The study also searches ways to occupy and narrate these urban voids, using cartography as its main instrument. Understanding the walking and wandering as tools to read and construct landscapes, we develop a series of cartographies that allow the sharing of the urban narratives that occur in these territories. At the end, it's presented a project to fill this urban void, through the overlapping of the cartographies produced.

Keywords: Urban voids. Landscape. Cartography. Walking.

Resumen

Este artículo comprende una lectura de los paisajes vaciados en la ciudad de Volta Redonda (RJ). En las últimas décadas, se han producido una serie de vacíos urbanos en el territorio de la ciudad, debido a la privatización de la Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) y al abandono de las propiedades en su poder, en los años siguientes. A partir de esta cuestión, la investigación busca comprender qué son los vacíos urbanos y cómo se produce la experiencia del paisaje en estos territorios. Se piensan formas de ocupar y narrar estos vacíos, utilizando la producción cartográfica como principal instrumento. A través del caminar y el deambular como herramientas de lectura y construcción del paisaje, se desarrollan una serie de cartografías que permiten compartir las narrativas urbanas que se desarrollan en el vacío urbano analizado. Al final, se presenta una propuesta para llenar este vacío, a través de la intersección de la cartografía producida.

Palabras clave: Vacíos urbanos. Paisaje. Cartografía. Caminar.

Introdução

Este trabalho surge de inquietações e questionamentos provocados por transformações urbanas que se sucederam na cidade de Volta Redonda nas últimas décadas. Mais especificamente, o processo de esvaziamento de diversas propriedades da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), após sua privatização, constituindo hoje grandes vazios urbanos no território voltarredondense. A presença desses vazios e a dificuldade de sua desapropriação por parte do Poder Público Municipal representam, atualmente, um grande empecilho para as políticas de planejamento urbano do município, bem como para a manutenção de atividades sociais e culturais da população que, cada vez mais, vem perdendo seus espaços na cidade.

Partindo dessa problemática, a pesquisa se debruça sobre o conceito de vazios urbanos e como se dá a sua relação com a experiência da paisagem. O *terrain vague* de Solà-Morales (2003), as cidades paralelas de Careri (2013) e os vazios esvaziados de Borde (2006) foram definições importantes para chegar à identificação dos vazios urbanos enquanto territórios que, apesar de não abrigarem usos coletivos, constituem lugares do por vir, da imaginação e da alteridade. A partir de Besse (2014) e o conceito de paisagem enquanto produto das afetações despertadas através do contato entre homem e mundo, entendemos que a experiência no vazio pode acontecer, justamente, a partir desses afetos (positivos ou negativos), estabelecidos por aqueles que vivenciam suas margens, ou mesmo seu interior.

Em Jacques (2012) essa vivência é potencializada, pois na visão da autora, a existência desses territórios, que não seguem a lógica de fluxos e relações sociais dos espaços da coletividade, é uma oportunidade de realmente experimentar o espaço urbano e fugir da lógica pacificadora da cidade contemporânea. Seria através do habitar, do percurso e da errância por esses espaços que novas narrativas urbanas, contrárias a produção hegemônica do território, seriam possíveis. Essas narrativas são entendidas como o próprio ato de habitar/construir o espaço urbano, seja pela ação concreta de edificar, seja pelos caminhos, relações sociais e interpretações do território, que se articulam nesse processo (RICOEUR, 2021).

A partir desses entendimentos, foram propostas formas de compartilhar narrativas e experiências de um vazio urbano no bairro Barreira Cravo, em Volta Redonda, através do caminhar e da errância enquanto método de leitura e construção da paisagem, e da cartografia como instrumento de criação e transmissão de narrativas. A cartografia é aqui entendida como prática ativa de constante reinterpretação e reorganização do espaço, por sua relação intrínseca com o território e com o projeto da paisagem (BESSE, 2014). No contexto das narrativas dos vazios urbanos, a cartografia possibilita não só o seu compartilhamento, mas a sua materialização no território em que acontecem.

Assim, propõe-se a construção de um conjunto de cartografias que organizam narrativas urbanas ao mesmo tempo em que expõem uma nova leitura do território, com o objetivo final de pensar o preenchimento de um dos vazios urbanos da cidade, a partir da produção de significados. A ideia é que a sobreposição dessas narrativas possa constituir uma cartografia a ser construída e reinterpretada constantemente, possibilitando imaginar, pensar e propor novos usos para essa paisagem da cidade, e, sobretudo, incentivar o protagonismo da população diante desses espaços esvaziados.

Volta Redonda e sua paisagem esvaziada

Apesar da presença de obras de infraestrutura e de edifícios institucionais já no início do século XX, o que se encontrava na paisagem de Volta Redonda, até 1940, era uma ocupação majoritariamente rural, com pouco menos de 3.000 habitantes (LOPES, 1993). Entretanto, em 1941, a história da cidade toma um rumo inesperado e a sua paisagem é alterada profundamente com a instalação do que viria a ser a maior siderúrgica do país, a Companhia Siderúrgica Nacional - CSN.

Desde então, o desenvolvimento de Volta Redonda se atrelou ao desenvolvimento da Companhia, e a partir da construção da siderúrgica, o que se observa no território da cidade nas décadas que se seguem é uma drástica mudança e expansão, impulsionada para dar espaço aos novos trabalhadores e à indústria, que passava a controlar a produção do espaço urbano voltarredondense.

Desde o princípio, no plano da primeira vila operária projetada por Atílio Corrêa Lima, a indústria se estabelece como protagonista na paisagem, e com o passar dos anos esse foco vai sendo cada vez mais evidenciado. Assim, a usina e o desenvolvimento industrial são colocados acima dos interesses coletivos daqueles que habitavam Volta Redonda (SOUZA, 1992). Em trecho do Plano Estrutural de Desenvolvimento Integrado da cidade, sem data informada, lê-se:

“[...] em Volta Redonda, quem merece viver é a Usina: à cidade cumpre acomodar-se ou retirar-se de sua proximidade. Para bem decidir, pois, é importante reconhecer este fato sociológico desde o início.” (IPPU-VR, s/d apud SOUZA, 1992)

Essa relação hostil estabelecida já de início entre a usina e os habitantes da cidade se manteve ao longo da história de Volta Redonda e se intensificou a partir da década de 90, quando a CSN foi privatizada, após uma série de crises financeiras. A privatização marca um afastamento das relações entre usina e cidade, que passa a se ver abandonada e a buscar através do Poder Público Municipal suprir suas necessidades. Enquanto isso, a CSN tentava cortar os últimos laços que ainda mantinha com a população, precarizando o trabalho e abrindo mão de uma série de serviços que beneficiavam a cidade inteira (GOMEZ, 2010).

Talvez um dos maiores problemas do processo de privatização da companhia, e que persiste ainda hoje no território voltarredondense, seja a compra de suas propriedades. Segundo Gomez (2010), na época da privatização, não só a planta industrial foi vendida, mas todos os bens fundiários e imobiliários que estavam sob a posse da companhia, o que provocou mudanças profundas nas relações sociais da cidade e no seu planejamento urbano.

Manter inúmeras terras e edifícios em posse da usina significava, para o município, perder grande parte de seu poder administrativo sobre o território. As mudanças que essa apropriação das terras representavam para a população também eram negativas. O que antes era público, propriedade estatal e símbolo de uma cidade construída para atender a seus trabalhadores, agora era privado, pertencente a uma empresa que negligencia o passado da cidade e sua conexão profunda com a história da usina (GOMEZ, 2010).

A posse dessas terras e a dificuldade de sua desapropriação tornar-se-ia um dos principais focos de conflito da cidade em anos mais recentes. Problemática justificável se considerarmos o percentual de terras em propriedade da CSN. De acordo com Gomez (2010), a companhia detém 19,6 quilômetros quadrados de terras urbanas na cidade, frente a um total de 82,3 quilômetros quadrados. Isso significa que a CSN é dona de aproximadamente 24% das terras de Volta Redonda. Nesta parcela, estão

inclusas, além da planta industrial, edificações de uso coletivo, como clubes, escolas e centros de saúde, bem como áreas verdes e terrenos inteiros não edificadas. Somado a isso, ao longo dos anos, o uso das edificações foi sendo reduzido, resultando no total abandono de grande parte das propriedades (figura 1).



Figura 1 - Vazio urbano no bairro Aeroclub

Fonte: Acervo dos autores, 2022

Tendo em vista a situação atual desses edifícios e terrenos, o que se encontra na paisagem de Volta Redonda é uma série de vazios urbanos. São áreas de grande potencial e com uma história diretamente atrelada à formação da cidade, mas que devido ao descaso e desinteresse da companhia, acabaram se tornando grandes parcelas de terra abandonadas, preenchidas somente no imaginário da população, que precisa se contentar em rememorar seu passado.

Os vazios urbanos e a experiência da paisagem

O conceito de vazios urbanos enquanto categoria de análise urbana tem uma de suas primeiras aparições nos escritos do arquiteto Ignasi de Solà-Morales (2003), que cunhou o termo *terrain vague* para se referir aos vazios de cidades contemporâneas. O autor dirige sua atenção a esses territórios a partir do trabalho de fotógrafos urbanos que, na década de 1970, passam a retratar os vazios de cidades europeias recém desindustrializadas, introduzindo um olhar e uma sensibilidade distintos ao espaço urbano.

Solà-Morales escolhe a expressão *terrain vague* em francês propositalmente, uma vez que a palavra *terrain* na língua francesa se refere tanto a porções de terra urbanas limitadas, edificáveis, como também a extensões maiores do território, não tão precisas. Os *terrains* seriam “uma porção de terra em sua condição expectante, potencialmente aproveitável, mas já com algum tipo de definição em sua propriedade a qual somos alheios” (SOLÀ-MORALES, 2003, p. 186, tradução da autora).

Já a palavra *vague* é escolhida pelo arquiteto pela relação com a ausência, os vazios urbanos seriam vacantes de usos, de atividades, de significados. Mas para além disso, a vacância é também o sentimento de liberdade, a expectativa e a possibilidade de evocar novas visões de mundo. Dessa forma, os vazios urbanos são, no entendimento de Solà-Morales, tanto territórios da ausência, como do encontro, da promessa.

A concepção do *terrain vague* a partir da análise de zonas industriais abandonadas agrega também ao termo a noção de esvaziamento: o abandono qualifica um

esvaziamento de função, de significados, de memórias. Borde (2006) se refere a esse vazio, que se torna objeto de estudo a partir da década de 70, como vazio esvaziado, um território que não nasce vazio mas se torna vazio.

Borde entende que este vazio é fruto do esvaziamento do espaço socialmente produzido. É consequência da desocupação dos espaços do habitar, da coletividade, da interação, e esse processo de esvaziamento produz descontinuidades na malha urbana, “crises de identidade que não podem ser automaticamente preenchidas” (BORDE, 2012, p. 198). Mas apesar dessa crise de identidade, Borde diz ainda que esses territórios não são externos às dinâmicas urbanas, e sim um dos seus elementos, uma vez que são produzidos em consonância com o tempo e as práticas culturais que os conformam. No momento em que se encontram esvaziados eles não são espaços de circulação, de convívio e de encontro coletivo, mas eles guardam em si a possibilidade do preenchimento (BORDE, 2012).

Essa visão dos vazios urbanos enquanto territórios da expectativa, do por vir, pode ser encontrada também em Careri (2013), que entende os vazios como estruturas nômades, que se deslocam pelas cidades, e que guardam em si a possibilidade da descoberta, são territórios heterogêneos que devem ser percorridos a fim de serem de fato compreendidos.

Sendo assim, o autor entende que o vazio não é tão vazio quanto se faz parecer. É nele onde a experiência da cidade acontece para o outro, aqueles que vivem no que Careri vai chamar de “cidades difusas”, e que podemos entender como os espaços periféricos ou marginalizados, que se estendem pelas bordas e fendas das cidades e onde o aparato social e legal não chega. São espaços desassociados que não possuem seus valores e modos de vida reconhecidos, mas que os tornam possíveis nas brechas, no vazio. Assim, Careri (2013) entende que os vazios urbanos já são, de certa forma, habitados e que não estão à espera de serem preenchidos de coisas, mas sim de serem preenchidos de significados. Para ele, o vazio urbano é mais que uma não cidade, ele é em si mesmo “uma cidade paralela com dinâmicas e estruturas próprias que ainda devem ser compreendidas” (p.159).

A prática do caminhar tem nos estudos de Careri papel fundamental para a compreensão desses territórios. É através do percurso que se daria a primeira construção do espaço, da paisagem e, portanto, o preenchimento desses vazios de significados. Entender como esses vazios se conformam, como são - se são - habitados e que relações estabelecem com as demais dinâmicas urbanas são questões importantes para compreender como é possível preenchê-los.

Os estudos de Besse (2014) sobre paisagem abrangem também como essa relação entre o caminhar e a construção de significado acontece, a partir do momento em que se entende a paisagem enquanto experiência fenomenológica. Nessa perspectiva, a paisagem incorpora as faculdades do sensível e é entendida como o ato de deixar-se afetar pelo mundo. Ela teria como característica, portanto, a exterioridade, o reconhecimento da existência de um “outro”. Para Besse (2014, p.47), a experiência aqui deve ser entendida como “uma saída no real e, mais precisamente ainda, como uma exposição ao real”. Essa exposição, representada pela presença do corpo no mundo, e o processo de afetação decorrente desse contato, é o cerne do acontecimento da paisagem.

Besse vai definir essa paisagem/experiência como uma desobjetivação. Ou seja, ela vai além de um objeto a ser apreendido pelo pensamento, ela representa um modo de estar no mundo, “certa maneira, muito singular, de participar do movimento do mundo em determinado lugar” (2014, p.47). Assim, a paisagem adquire uma subjetividade, sendo primeiramente vivenciada antes de ser transmitida.

Dessa forma, o vazio urbano também é paisagem no sentido da experiência. O contato com o vazio, mesmo que em suas bordas e frestas, é também contato com o meio, e principalmente, contato com o outro, com o diferente. A estranheza dada por Solà-Morales aos *terrain vague* pode ser entendida como a afetação, que Besse vai definir como o encontro concreto entre o homem e o mundo.

Jacques (2012), em seus estudos sobre narrativas errantes e experiência urbana, diz que “a experiência não é totalmente destruída, mesmo nas condições mais inóspitas, ela resiste pelas brechas e desvios, e assim, sobrevive quando compartilhada em narrativas urbanas” (p.12). Se considerarmos os vazios urbanos como esses espaços de inospitalidade, podemos dizer que mesmo os vazios urbanos podem ser espaços de experiência e mesmo as experiências dos vazios podem ser narradas. É através do habitar, do percurso, daqueles que erram pela cidade e que constroem suas narrativas próprias, deslocadas da rotina pacificada dos espaços públicos, que essa experiência vai acontecer.

Voltando a Besse (2014), entende-se a necessidade de se estabelecer novos critérios para analisar e para propor nesses territórios. Questionar e buscar compreender de perto as formas como a experiência acontece na cidade, e porquê ela acontece, faz parte do exercício de se colocar diante dela não como espectador, mas como habitante:

Afinal de contas, se a paisagem tem um sentido e, sobretudo, se o projeto de paisagem pode ter um sentido, é porque o desafio é tornar o mundo habitável para o homem. O eixo central da reflexão está aí: a paisagem é a expressão de um esforço humano, sempre frágil e a ser recomeçado, para habitar o mundo. (BESSE, 2014, p.36-37)

Entendendo essa necessidade, bem como as possibilidades e as narrativas que podem ser traçadas nesses territórios esvaziados, buscaram-se algumas estratégias para compreender essas histórias, transmiti-las e, a partir delas, pensar o preenchimento de um vazio urbano na cidade de Volta Redonda.

Narrar por cartografias

O filósofo Paul Ricoeur (2021), em um artigo originalmente publicado em 1996, propõe um paralelo curioso entre narratividade e arquitetura. Segundo o autor, é possível fazer uma analogia direta entre os dois campos: a narrativa seria para o tempo, o que a arquitetura é para o espaço. Ou seja, a produção do espaço, através do ato de construir, seria equivalente à narração, que é responsável por “dispor a intriga no tempo” (RICOEUR, 2021, p.152), sendo a intriga, aqui, o estabelecimento de relações para contar uma história, a construção de uma trama de acontecimentos.

Ricoeur (2021) diz que a convivência tem seu início na troca das narrativas de vida que fazemos com aqueles à nossa volta e, na arquitetura, esse primeiro contato seria equivalente ao habitar. O paralelo aqui parte do princípio de que, antes mesmo de produzir fisicamente o território, de edificá-lo, o homem o habitou. O território construído consistiria, nessa visão, “um sistema de gestos, de ritos para as principais interações da vida” (RICOEUR, 2021, p.155).

Baseando-se na analogia descrita pelo filósofo, é plausível estabelecer que a produção do espaço é, então, em seus diferentes estágios, uma forma de narrativa. Seja pela construção física do território, seja pelo percurso e pelo reconhecimento que se estabelece com o lugar, o habitar constitui significados e simbolismos que podem ser narrados e compartilhados, e que podem revelar as transformações e as memórias daquele espaço.

Nesse sentido, o narrador e o leitor, que no espaço urbano são representados por aquele que habita-constrói-habita, são os sujeitos protagonistas da intriga das cidades, e são eles quem vão assumir o papel de pensar e repensar as configurações desses espaços. Dessa forma, segundo Saboia (2020), constitui-se uma trama a ser tecida e reinterpretada constantemente, a partir de novas experiências, de ressignificações, de conflitos, de memórias e de imaginários.

Voltando a Jacques (2012) e às narrativas urbanas dos errantes, é possível entender um pouco mais sobre como essas experiências podem ser compartilhadas. Primeiramente, é importante ressaltar que, sendo as narrativas urbanas um ato constante de construção do espaço a partir do habitar, elas são a todo momento produzidas por aqueles que vivenciam a cidade. Contudo, os errantes, como narradores, se diferenciam do habitante comum, pois eles produzem suas narrativas conscientemente. Ou seja, ao se proporem o exercício da errância, esses habitantes voluntariamente vão de encontro ao Outro, aos espaços da alteridade, enxergando a cidade como espaço de jogos e experiências. As narrativas errantes são, assim, micronarrativas, se comparadas às grandes narrativas modernas que ditam a produção do espaço urbano em larga escala (JACQUES, 2012).

Ao se colocarem perante a cidade não como espectadores, mas a experienciando de dentro, os errantes se propõem um exercício de produção itinerante, inventando uma cartografia própria. Esse posicionamento, que se distingue de uma visão aérea e se opõe a percepção do mundo enquanto um território achatado, é uma prática que visualiza a paisagem como um espaço que se formula e se reformula à medida que esses itinerários progridem (BESSE, 2014). Segundo Jacques (2012), só essa postura crítica e propositiva em relação ao espaço urbano já é suficiente para considerar as narrativas errantes relevantes, uma vez que através dessas experiências, os errantes constituem formas de resistência à produção hegemônica do espaço urbano, colocando-se como um contraponto aos métodos de análise urbanística fortemente difundidos e replicados atualmente, e que são responsáveis por disseminar a esterilização da experiência da cidade.

Da mesma forma que os errantes rompem com esse método urbanístico hegemônico, eles também rompem com as formas mais tradicionais de se transmitir a experiência da cidade, inventando outras possibilidades de narrativas e outras formas de compartilhá-las. Uma dessas formas é a cartografia.

Pensar através da cartografia pressupõe uma espacialização de ideias e percursos, sejam eles físicos ou mentais. De acordo com Besse (2014), a operação cartográfica já pode ser considerada um acionamento projetual, pois ela se estrutura por meio de um posicionamento ativo entre aquele que projeta a paisagem e o território em que atua. Todos os processos que envolvem a constituição de uma cartografia, desde sua coleta de informações e esquematização, até o seu desenho final, fazem dela uma ferramenta de construção da paisagem.

Quando falamos das narrativas urbanas, essa noção também se aplica. Sim, cartografar narrativas é espacializá-las no território em que acontecem, mas para além disso, é também reconfigurar esse território e construir essa paisagem em um processo ativo de ocupação, leitura e escuta. E no contexto dos vazios urbanos isso pode ser potencializado, considerando as possibilidades e expectativas que esses territórios resguardam.

Para isso, entende-se que o mapa não deve ser pensado como um produto, mas como um processo. De acordo com o geógrafo Seemann (2013), esse processo, que chamamos mapeamento, não está restrito a um levantamento físico topográfico, de medidas e formas precisas, mas ele pode também ser elaborado a partir do que é lembrado, imaginado ou vivenciado no espaço que se mapeia. Sendo criações humanas, os mapas

seriam também discursos, narrativas, ideologias e uma construção sociocultural. Nesse sentido, há na cartografia um potencial de comunicação, de expressão e uma forma de apreensão da realidade que nos é apresentada (SEEMANN, 2013).

Essas possibilidades da cartografia se tornam um recurso importante ao se pensar o preenchimento de vazios urbanos. O vazio, em oposição ao cheio, por si só já estabelece uma relação conflitante na estruturação do espaço urbano e na paisagem, uma vez que o esvaziamento de significados que perpassa esses territórios torna-os invisíveis em meio ao fluxo constante dos espaços da coletividade. Seria, então, papel do cartógrafo “dar língua” a esses novos universos e aos afetos que deles se desenrolam (ROLNIK, 2011, p. 23).

Como nos pensamentos de Ricoeur (2021), em que habitar o espaço seria uma forma de narrativa, aqui, dar língua a novos universos através da cartografia também seria narrá-los. Seguindo a mesma lógica, Italo Calvino (1984 *apud* CARERI, 2013, p.137) discorre sobre como a cartografia, antes de ser produto de um observador “extraterrestre”, é primeiro fruto do deslocamento, da viagem e da tentativa de se localizar no território percorrido. A cartografia teria assim, intrinsecamente, uma ideia narrativa, pois é concebida em função da criação de itinerários.

O que se estabelece a partir dessas noções sobre cartografia e o ato de cartografar é que, para além das representações convencionais e objetivas do território, as produções cartográficas podem também ser construídas a partir de subjetividades e afetos, dos percursos, das discontinuidades do espaço urbano e, principalmente, por qualquer um que se proponha o exercício de habitar-narrar-cartografar o seu território. Dessa forma, este trabalho entende o mapeamento enquanto um processo e não tem por objetivo seguir métodos e representações geométricas convencionais, mas propor uma cartografia que se constrói na medida em que o vazio é percorrido.

Preenchendo um vazio urbano em Volta Redonda



Figura 2 - O vazio urbano e os bairros do entorno

Fonte: Adaptado de Google Earth, 2023

Dentre as propriedades da CSN que configuram vazios urbanos no tecido de Volta Redonda hoje, uma delas chama atenção por sua grande proporção e localização. Em região central da cidade, junto à curva do rio Paraíba do Sul, que marca e delimita a paisagem da região, está situado um terreno plano de mais de 760 mil metros quadrados, entre os bairros Barreira Cravo, Aeroclub, Niterói e Voldac (figura 2). Esse terreno abrigava o antigo Aeroporto da cidade, que hoje se encontra inativo.

No Plano Diretor Participativo de Volta Redonda (2008), a propriedade em questão é classificada como Área de Especial Interesse Urbanístico. O Plano Diretor estabelece, através dessa definição, que esse território deve ser destinado a atender principalmente usos coletivos, como serviços, comércio, lazer, cultura e moradia, fortalecendo a cidade enquanto referência regional (PMVR, 2008, p.14), classificando-o inclusive como possível nova centralidade para Volta Redonda. A inclusão dessa e outras propriedades da CSN na legislação demonstra o interesse do Poder Municipal nesses territórios e o entendimento de que eles possuem um potencial não explorado.

Apesar da extensa área atualmente sem função, dentro do terreno está localizado também o clube Ressaquinha, muito utilizado, até alguns anos, por moradores do Aeroclub e do bairro vizinho, Barreira Cravo. Entretanto, em 2017, através de uma ação judicial, a CSN conseguiu a reintegração de posse do clube, como tem feito com diversas outras propriedades. Pouco tempo depois, a empresa decretou o fechamento do Ressaquinha, dando fim a uma das poucas áreas de lazer da região (GOMEZ, 2010).

Nesse cenário de constante reapropriação de espaços pela CSN e, conseqüentemente, perda de áreas de convivência da população, foi proposto um exercício de leitura da paisagem e ocupação desse vazio, através da construção de cartografias e de novas narrativas urbanas.

O bairro escolhido para a execução da proposta foi o Barreira Cravo, devido à proximidade com os limites do vazio e sua maior caminhabilidade, quando comparado aos demais bairros do entorno. A paisagem do Barreira Cravo é marcada pelo uso predominantemente residencial, com algumas praças e poucos espaços comerciais. Nas margens do vazio, o bairro segue o mesmo padrão, com uma atmosfera pacata e com pouco movimento (figura 3). Além disso, o bairro também está localizado às margens do rio Paraíba do Sul.

As cartografias produzidas tiveram como objetivo transmitir algumas das narrativas urbanas que compõem o vazio do Barreira Cravo, bem como outros espaços do bairro, e pensar novos cenários a partir delas.



Figura 3 - Vazio urbano no bairro Barreira Cravo

Fonte: Acervo dos autores, 2022

A metodologia adotada para o trabalho de campo parte do entendimento do caminhar e da errância enquanto ações potentes na construção e experiência da paisagem. A partir de Careri (2013), compreende-se que o caminhar é um instrumento essencial ao projeto de arquitetura, pois através dele é possível reconhecer uma geografia nos territórios trabalhados, bem como pensar novas formas de intervir nos espaços públicos das cidades contemporâneas, estudando e dando visibilidade a territórios marginalizados.

Na mesma perspectiva, a errância também pode ser entendida como um instrumento de leitura do espaço urbano, uma vez que, através da apropriação anônima do território e do contato com o diferente, permite explorar novas formas de habitar e reinventar esses espaços. Nas palavras de Jacques (2012, p.22-23), “a experiência errática seria uma experiência da diferença, do Outro, dos vários outros, o que a aproxima de algumas práticas etnográficas e posturas antropológicas”.

Assim, o processo de construção das cartografias aqui expostas se iniciou através do caminhar e da errância pelos territórios do bairro Barreira Cravo, em diferentes dias e horários. As visitas a campo aconteceram majoritariamente durante o mês de novembro de 2022, e a partir delas foi definido um percurso de análise, com foco na observação e documentação de narrativas urbanas diversas, através de registros fotográficos. O percurso foi dividido em 5 trechos, que vão desde as margens do vazio até as margens do rio, indicados no mapa (figura 4), e para cada um dos trechos foi elaborada uma cartografia, seguindo quatro elementos principais: o vazio, o espaço habitado, os narradores e o grau de interação.

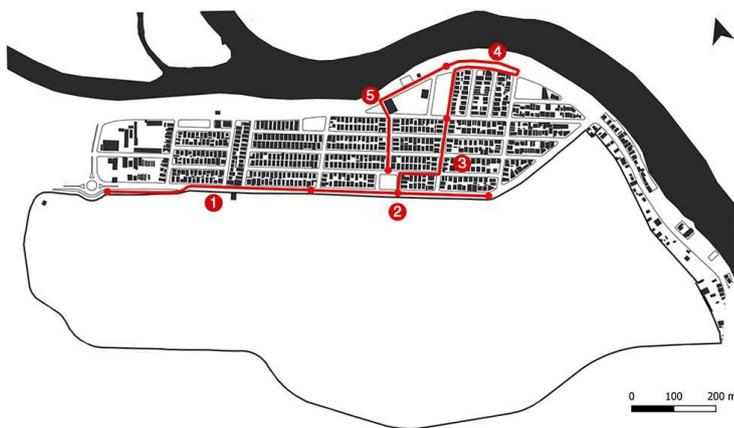


Figura 4 - Trechos percorridos pelo bairro

Fonte: Autores, 2023

Foram produzidos, assim, cinco “mapas”/narrativas, que podem ser entendidas também como uma visão serial do caminho percorrido, mas que são fragmentadas em quatro elementos, possibilitando a leitura tanto horizontalmente quanto verticalmente. As cartografias documentam o uso e a predominância do vazio no bairro, tentando analisar graficamente de que forma ele inibe, ou não, as interações sociais e ocupações da região. Por meio de recortes, constrói-se a paisagem percebida durante os momentos de errância pelo bairro (figura 5).

A divisão em quatro pontos de análise se deu, justamente, pela percepção que se teve do espaço percorrido. O vazio, pela grande extensão, domina a paisagem nos primeiros trechos do percurso, em contraposição ao espaço habitado, e a sensação que se tem ao caminhar em seus limites é de que ele, de certa forma, invade os demais espaços do bairro, que se caracteriza pelo silêncio e pela atmosfera pacata.

É essa normalidade quieta característica das ruas do Barreira Cravo que fazem com que as pequenas interações se destaquem. Dessa forma, estabeleceu-se o terceiro ponto, os narradores, que ao se proporem vivenciar os espaços livres do bairro e as margens do vazio, criam uma ruptura no silêncio que predomina no cotidiano dos moradores. Da mesma maneira, foi interessante perceber também que tipo de atividades esses narradores exercem nesses espaços, uma vez que algumas ações causam mais impacto na percepção da paisagem do que outras, pela forma e duração com que ocorrem.

Assim, para o grau de interação com o território, foi utilizada a diferenciação por cor para categorizar ações que sinalizam permanência e interação com o espaço (pontos em vermelho) e ações relacionadas à passagem e deslocamento dos moradores (pontos em preto).

Somando os quatro pontos de análise, a construção da cartografia teve como intuito compreender o domínio do vazio no bairro e de que forma se dão as narrativas dos moradores, tanto nos limites do vazio urbano, quanto no restante do percurso, para pensar como elas poderiam ser incorporadas em um futuro preenchimento desse território.

Figura 5 - Conjunto de cartografias produzidas por trecho do percurso e, por último, compiladas.

Fonte: Autores, 2023



O que essas cartografias nos traduzem sobre o território é que, apesar da predominância do vazio nos dois primeiros trechos do percurso, a área com menos interação e narradores é, na verdade, o trecho 3, referente à área mais residencial. Nos dois primeiros trechos, onde o vazio predomina, há a recorrência de algumas atividades de permanência, mas nenhuma delas marca uma interação direta com os limites do vazio urbano. Já os dois trechos finais são os de maior interação e quantidade de narrativas, sendo referentes às intervenções e apropriações da população na margem do rio, que revelam uma iniciativa dos moradores do bairro em ocupar os espaços livres, quando permitido (figura 6).

Figura 6 - Moradora do bairro utilizando a composteira comunitária construída na margem do rio, no trecho 5 do percurso

Fonte: Acervo dos autores (2022)



Analisar os usos do espaço ao longo do bairro, e não somente nos limites do vazio, nos permitiu ampliar o entendimento das dinâmicas locais e tentar incorporar essas narrativas dispersas, que foram compiladas a fim de propor uma nova interpretação para o vazio.

A etapa final do trabalho consistiu, assim, em realizar o cruzamento das diversas narrativas cartografadas anteriormente, para a partir delas produzir novas composições de possíveis ocupações e usos para o vazio urbano, sem, contudo, elaborar um projeto definitivo. A ideia foi justamente construir cenários e sobrepô-los ao território existente, como exercício imaginativo.

A proposta se baseia em uma intervenção nas grades que limitam o vazio no bairro Barreira Cravo, através da disposição de uma série de cartazes com transparência, que serviriam de suporte para os novos cenários, produzidos a partir da cartografia (figura 7). A presença dos cartazes ao longo do arame tem como objetivo trazer o foco da população que circula pelo bairro para o vazio, estimulando a interação com o espaço e possibilitando questionamentos acerca do que poderia vir a ser esse território.

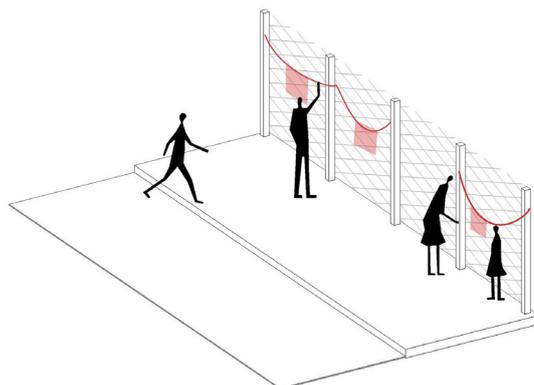


Figura 7 - Proposta de intervenção nas grades do vazio

Fonte: Autores, 2023

Com o cruzamento das narrativas, cria-se, assim, alguns pequenos cenários, que para além de propor imagens ou usos específicos, questionam as possibilidades, o presente, o futuro e o passado desse território, com o intuito de estimular a interação da população e a reverberação dessas questões. Entendendo, como expressado por Careri (2013), que o vazio urbano não está à espera de ser preenchido de coisas, mas sim de significados (figura 8).

Dessa forma, para além de uma sobreposição, o projeto busca levar aos narradores do bairro um convite à imaginação e à ocupação, bem como à participação no processo cartográfico, que não se dá por finalizado aqui, mas continua a ser produzido constantemente através das interpretações, reverberações e releituras daqueles que interagem com a intervenção.



Figura 8 - Simulação de cartazes a serem dispostos nos limites do vazio

Fonte: Autores, 2023

Considerações Finais

As cartografias produzidas na etapa final desse estudo tiveram o objetivo de aplicar os conceitos apreendidos ao longo de toda a pesquisa, propondo um exercício de leitura, interpretação, reconhecimento e ocupação do território percorrido. Através do caminhar, da errância e das afetações percebidas ao longo dos percursos, propôs-se uma leitura cruzada desse território, sobrepondo as diversas narrativas ali já existentes.

A cartografia construída neste trabalho mostrou-se uma ferramenta eficaz no estudo do vazio urbano e na leitura da paisagem, uma vez que possibilitou repensar as formas de ocupar, seus significados e entender as relações pré-existentes no território analisado. O uso de uma cartografia não convencional para tratar um espaço que também foge à normalidade, por ser inabitado, permitiu explorar nuances e subjetividades que talvez não pudessem ser contempladas em um mapeamento comum. No contexto do vazio urbano, explorar uma cartografia que se constrói a partir do caminhar possibilitou não só o compartilhamento das narrativas, mas a sua materialização no território, a partir do momento em que o mapeamento passa a ser utilizado, desde sua concepção até sua finalização, como um instrumento de ocupação e intervenção no espaço.

Por fim, ao entender o vazio urbano enquanto território de expectativas e possibilidades, este trabalho não teve a intenção de propor algo definitivo para o vazio estudado, mas sim possibilitar seu preenchimento através da interação e da associação de novos significados aos seus limites. Para além do compartilhamento das narrativas existentes, cria-se aqui também uma narrativa nova e um convite para que possamos sempre pensar novas formas de narrar-habitar-cartografar nossos territórios.

Referências

BESSE, Jean-Marc. **O gosto do mundo**: exercícios de paisagem. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014. 234 p.

BORDE, A. P. L. Vazios urbanos contemporâneos: conceito, permanências e alteridades. In: BORDE, A. P. L. (org.). **Vazios urbanos**: percursos contemporâneos. 1. ed. Rio de Janeiro: Rio Books, 2012. p. 191-222.

_____. **VAZIOS urbanos**: perspectivas contemporâneas. Orientador: Roberto Segre. 2006. 226 p. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: <http://www.prourb.fau.ufrj.br/integrantes/andrea-de-lacerda-pessoa-borde/>. Acesso em: 1 maio 2022.

CARERI, Francesco. **Walkscapes**: o caminhar como prática estética. 1. ed. São Paulo: G. Gili, 2013. 177 p.

GOMEZ, Wiliam Fernando. **Volta Redonda a cidade privatizada, conflitos e contradições urbanas**. Orientadora: Sônia Azevedo Le Cocq d'Oliveira. 2010. 184 p. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Juiz de Fora, Rio de Janeiro, 2010.

JACQUES, Paola Berenstein. **Elogio aos errantes**. Salvador: EDUFBA, 2012. 331 p.

LOPES, Alberto Costa. **A aventura da cidade industrial de Tony Garnier em Volta Redonda**. 1993. 235 p. Dissertação (Mestre em Ciências) - Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, 1993.

PMVR. Prefeitura Municipal de Volta Redonda. **Plano diretor participativo de Volta Redonda**. Lei n. 4441. IPPU-VR: Volta Redonda, 2008. Disponível em: http://www2.voltaredonda.rj.gov.br/ippu/images/arquivos/plano_diretor/livro_lei_4.441.pdf. Acesso em: 12 ago. 2022.

RICOEUR, P.; BATISTA, G. S. **Arquitetura e narratividade**. Geograficidade, v. 11, n. Especial, p. 151-160, 14 jul. 2021.

SABOIA, Luciana. Narrar por paisagens. In: JACQUES, Paola Berenstein; PEREIRA, Margareth da Silva; CESAROLI, Josianne Francia (org.). **Nebulosas do pensamento urbanístico: modos de narrar**. 1. ed. Salvador: EDUFBA, 2020. v. 3, p. 390-403.

SEEMANN, Jörn. **Carto-crônicas: uma viagem pelo mundo da cartografia**. 2. ed. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2013. 138 p.

SOLÀ-MORALES, Ignasi de. Terrain vague. In: **Territorios**. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2003. p. 181-193.

SOUZA, Cláudia Virginia Cabral de. **Pelo espaço da cidade: aspectos da vida e do conflito em Volta Redonda**. Orientador: Ana Clara Torres Ribeiro. 1992. Tese (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - IPPUR, UFRJ, Rio de Janeiro, 1992.

SUELY, Rolnik. Cartografia: uma definição provisória. In: **Cartografia sentimental: Transformações contemporâneas do desejo**. 2. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2011. p. 23-24.

RESPONSABILIDADE INDIVIDUAL E DIREITOS AUTORAIS

A responsabilidade da correção normativa e gramatical do texto é de inteira responsabilidade do autor. As opiniões pessoais emitidas pelos autores dos artigos são de sua exclusiva responsabilidade, tendo cabido aos pareceristas julgar o mérito das temáticas abordadas. Todos os artigos possuem imagens cujos direitos de publicidade e veiculação estão sob responsabilidade de gerência do autor, salvaguardado o direito de veiculação de imagens públicas com mais de 70 anos de divulgação, isentas de reivindicação de direitos de acordo com art. 44 da Lei do Direito Autoral/1998: “O prazo de proteção aos direitos patrimoniais sobre obras audiovisuais e fotográficas será de setenta anos, a contar de 1º de janeiro do ano subsequente ao de sua divulgação”.

O CADERNOS PROARQ (ISSN 2675-0392) é um periódico científico sem fins lucrativos que tem o objetivo de contribuir com a construção do conhecimento nas áreas de Arquitetura e Urbanismo e afins, constituindo-se uma fonte de pesquisa acadêmica. Por não serem vendidos e permanecerem disponíveis de forma *online* a todos os pesquisadores interessados, os artigos devem ser sempre referenciados adequadamente, de modo a não infringir com a Lei de Direitos Autorais.

Submetido em 01/04/2023

Aprovado em 06/06/2023